

# EU, CAÇADOR DE MIM: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO PSICOSSOCIAL DA IDENTIDADE

Suzana Maria Lucas de Farias Chaves<sup>1</sup>  
Joana Simielli Xavier Rocha<sup>2</sup>

**RESUMO:** A presente pesquisa, desenvolvida durante a disciplina de Psicologia Social, tem como objetivo fazer considerações e reflexões sobre a identidade psicossocial de uma dependente química em recuperação. Para isto, nos baseamos na teoria de identidade de Ciampa (2001), identificamos o meio social em que a pessoa vivia, bem como suas influências familiares e culturais. A entrevista foi realizada na Casa de Nazaré, uma instituição para dependentes químicos do sexo feminino, maiores de dezoito anos, em Maringá.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidade, dependência química, psicologia social.

## I AS A HUNTER OF MYSELF: A STUDY ABOUT THE CONSTRUCTION OF THE PSYCHOSOCIAL IDENTITY

**ABSTRACT:** The present research has the objective of making considerations and reflexions about the psychosocial identity of a recovering chemical dependent woman. In order to achieve our objectives we based ourselves on the identity theory by Ciampa (2001), identifying the social environment in which the person lived, as well as her social and family's influences. The interview took place at "Casa de Nazaré", an institution for female, over eighteen chemical dependents in Maringá.

**KEY-WORDS:** identity, chemical dependency, social psychology.

### Introdução

Este é o resultado de um trabalho realizado na disciplina de Psicologia Social. Fizemos uma análise da identidade psicossocial de uma dependente química em recuperação.

Temos como objetivo aplicar a teoria de identidade de Ciampa (2001), na história narrada por Letícia, pois só assim poderemos discutir e entender as contradições positivistas, impostas pela sociedade.

A seguir passaremos a relatar os dados referentes ao contexto e à história de Letícia (nome fictício) bem como expor as considerações traçadas na teoria sobre Identidade de Ciampa (2001).

### O Contexto Atual

Esta pesquisa foi realizada na Casa de Nazaré, uma

casa de recuperação para dependentes químicos, do sexo feminino, maiores de 18 anos, que atende pessoas de outros estados. A casa é mantida por voluntários, embora as internas que têm condições financeiras ajudem com um salário mínimo. A casa comporta 21 meninas, e hoje tem 15 hospedadas, sendo que duas são mães menores.

A equipe é composta por 6 irmãs e três psicólogas, que atendem na quinta e sexta-feira; são voluntárias e atendem as meninas individualmente. Essa equipe é responsável pela triagem no Marev, pelas entrevistas com a interna e pelos exames rotineiros.

A internação, porém, não depende somente desses procedimentos. É preciso que as internas queiram se recuperar.

Dentro da casa não é permitido fumar nem o uso de qualquer tipo de medicamentos, a não ser em casos especiais, como internas que sofrem de pressão alta, ou que sofreram algum tipo de cirurgia como a cesárea.

<sup>1</sup> Mestre, docente do curso de Psicologia e da disciplina de Psicologia Social no curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá.

<sup>2</sup> Discente do segundo ano do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá.

São nove meses de recuperação, pois para a Congregação estes meses são comparados aos de uma gestação; é o tempo que se dá para o início de uma nova vida. Já do ponto de vista médico, há um certo tempo de desintoxicação e reintegração ao meio, e tempo necessário também para reeducação e disciplina.

No terceiro domingo de cada mês, os parentes podem ir visitá-las.

No quinto mês, elas escrevem sua auto-biografia, um inventário moral. Esse material depois é queimado. A partir do sexto mês, elas passam cinco dias por mês em casa.

Elas não têm atividades extras, além do serviço domiciliar diário, jardinagem e trabalhos manuais.

Seu trabalho é todo realizado em torno do tripé: Trabalho, Disciplina, e Oração (terço, missa, grupo de oração).

### A Identidade de Letícia

Trataremos aqui da identidade de Letícia, com 22 anos, uma dependente química em recuperação que se dispôs a nos contar parte de sua história. Ela não foi selecionada por nós, mas sim por uma das irmãs que faz parte da congregação anteriormente apresentada.

*Quando eu tinha doze anos, o vinho rolava solto na mesa da minha casa, porque a região tem muito imigrante italiano e minha família além de ser descendente, em sua grande maioria é dependente química, meu pai, meus tios, minha mãe... Quando eu tinha 3 ou 4 anos meu pai e meus tios molhavam minha chupeta no limão da caipirinha.*

Letícia, para falar da constituição de sua identidade, nos descreveu o lugar de onde veio, como era sua família e onde estava localizada culturalmente. Neste trecho, percebemos a primeira e a sétima consideração de Ciampa. Na primeira, Ciampa afirma que a identidade se mostra como descrição de um personagem, isto é, perceptível, pois ao mesmo tempo que ela narra a história, passando-se por autora, não deixa de ser sua própria história, e, portanto, personagem. Descreve também um cenário, destacando a influência social e cultural da região, bem como a influência familiar; aqui nos deparamos com a sétima consideração, que diz que nossa identidade é constituída pelo grupo.

*Aos quatorze anos eu fumei meu primeiro baseado, e então minha ingenuidade foi acabando. Minha festa de 15 anos foi regada a chopp, eu só queria sabre de beber, fazer festa, ficar. Uma coisa sem limites!*

*... é difícil você ver uma pessoa que use drogas feia, a droga vem sedutora pra você, eu via aqueles gatinhos, usando, e me perguntava: será que é legal? A partir daí foi curiosidade, nos primeiros 11 meses, eu só usei maconha e álcool, depois cocaína...*

*... hoje eu fico lembrando quando eu comecei, aquela turma enorme, todo mundo fumando junto, contando história, dando risada, e depois quando eu recai, eu sozinha num quarto fechado, eu e a droga, a droga e eu...*

Através das palavras de Letícia, percebemos a segunda consideração de Ciampa, onde a identidade é constituída coletivamente, embora seja narrada individualmente. Apesar de em todo momento ela estar falando de um grupo, sentimos certa ocultação do grupo em relação a sua história. É como se o eu superasse o grupo, ou como se o grupo fosse apenas um cenário; ele apenas deu estruturação para que ela pudesse se auto-descrever. Notamos também a quinta consideração: a identidade é única, apesar das relações vividas com a sociedade. Ela nos apresenta certos trechos de relações com a sociedade grupal, mas em nenhum momento se iguala a alguém do grupo; apesar de ter uma vida social a todo momento, sua identidade é única, individual.

*Na época eu não via o que eu fazia de errado, para mim, meu vício era meu único meio de sobrevivência, eu não conseguia perceber que eu fazia a coisa errada. Eu não ia para as festas para dançar, para me divertir, eu ia porque sabia que tinha droga. Eu agia pela droga. A droga tira tudo da gente, tira até a vergonha na cara, você é capaz de matar pela droga.*

*...esses dias eu fui no médico, e tive vergonha de tirar a roupa, vocês acreditam?*

*... eu não sabia da doença, dependência química, até ano passado quando eu me internei pela primeira vez, pra mim eu usava droga, simplesmente porque usava, hoje eu sei que eu tenho uma doença, e que a minha doença não tem cura, que vai ser uma luta a cada dia.*

*Todo dia eu sou uma pessoa diferente.*

Na quarta consideração Ciampa afirma que mudamos constantemente. Podemos perceber que a Letícia hoje se titula uma pessoa diferente a cada dia e, mesmo quando não se via assim, podemos perceber a diferente a cada trecho narrado.

*Hoje eu sou uma dependente química em recuperação, foi Deus que me fez procurar ajuda, foi Deus que me colocou em uma casa de recuperação, e eu vou continuar seguindo Deus quando eu sair daqui. Mas eu tenho medo de voltar a fracassar na busca pela espiritualidade, tenho medo de cansar, minha doença não tem cura, eu terei que passar o resto da vida lutando, porque se você se acomoda o mundo te engole.*

*...o mundo te seduz, ele te coloca barzinhos, te coloca boates, e muitas vezes você nem percebe...*

*...às vezes eu estou rezando e me dá vontade de usar drogas, às vezes estou com o terço na mão e tenho vontade de usar drogas...*

Ciampa afirma que a identidade é múltipla, que nós

somos vários personagens, em uma única identidade. Aqui percebemos uma Letícia dependente química em recuperação, uma Letícia católica, que acredita no poder de libertação, e uma Letícia com medo de encarar um mundo ameaçador, com medo de cansar de buscar pela libertação.

Percebemos também a terceira consideração de Ciampa: somos ocultação e revelação. Enquanto ela está se referindo à Letícia católica, de repente revela-se uma Letícia dependente química em recuperação, com vontade de usar drogas com um terço na mão; oculta uma Letícia com medo de encarar novamente o mundo.

*A mulher tem uma perda de imagem muito maior que os homens. Ela é vagabunda, sem vergonha, bandida, e tem que morrer. O dependente químico é muito discriminado porque a sociedade não conhece a doença dependência química.*

*Hoje eu me identifico com o que a sociedade diz. Antigamente nunca que eu ia enxergar, mas eu fazia por onde eles falarem de mim. Antes eu saía com dois caras na mesma noite para conseguir drogas.*

*Hoje eu aceito que o que eu fazia, era o melhor que eu podia fazer, pois a minha vida era a droga, de cara eu não consigo mais usar cocaína.*

*Muitas vezes a sociedade é hipócrita, mas eu não posso mudar as pessoas, nem posso viver me preocupando com o que elas dizem de mim, mas posso mudar o meu jeito de ver as atitudes delas.*

Oitava consideração: nós nos produzimos e somos produzidos pelas ações que realizamos. Letícia nos mostra isso quando diz que hoje sabe que um dia se enquadrou no que a sociedade pensa e fala dos dependentes químicos, e que fez por onde estes falassem dela. Ou seja, ela agiu de maneira a construir sua identidade individual, e de maneira a se enquadrar em uma identidade grupal.

*Eu tenho vontade de fazer tudo o que vocês fazem, tenho vontade de sair, de ir ao cinema, adoro cinema, de ter um namorado, mas eu não posso, pois esses nove meses, são nove meses de renúncia, de abstinência, é muito difícil não poder ter uma vida "normal", saber que eu não posso ter tudo isto.*

Notamos aqui a sexta consideração de Ciampa: somos igualdade e diferença. Letícia se iguala às mulheres jovens, se diz com vontade de fazer tudo o que uma mulher com uma vida "normal" faz, mas logo se diferencia, dizendo que ela não pode ter tudo isto, pois está em uma fase de renúncia.

*... eu não sabia da doença, dependência química, até ano passado quando eu me internei pela primeira vez, pra mim eu usava droga, simplesmente porque usava, hoje eu sei que eu tenho uma doença, e que a minha doença não tem cura.*

Aqui percebemos a nona consideração: identidade como representação. Até o ano passado, a Letícia não sabia da existência dessa doença, portanto ela não se reconhecia como uma doente, e sim apenas como uma pessoa que usa drogas por usar, que pára na hora em que quiser parar.

*Hoje eu sou uma pessoa cheia de defeitos, muito pequena, impotente demais, que precisa aceitar o tratamento e a doença, preciso me aceitar como eu sou, muito pequena.*

*... hoje eu percebo como eu sou pequena.*

*... sou um nada, nada, a hora que Ele quiser me tirar daqui, Ele me dá um sopro, e ...*

"Represento-me como representante de mim." Essa descrição corresponde à Letícia de hoje. Pudemos notar, por seu jeito de se vestir, de se portar, até mesmo na maneira de conversar, que ela assume essa postura e representa tal papel (representa enquanto desempenha papéis). Representa enquanto repõe apresentação de si pois, hoje, é a única maneira que ela encontra de representar, de se apresentar; portanto está a todo momento repondo esta apresentação.

## Considerações Finais

Através deste pequeno estudo, pudemos concluir que a identidade é definitivamente constituída por meio de valores culturais e sociais, e não apenas individualmente.

Constatamos também o quanto a identidade é múltipla, mutável e contraditória. E assim passamos por processos metamorfósicos todos os dias de nossas vidas. Vivemos em constantes crises de identidade: ora somos sensíveis, ora agressivos, somos solidários e minutos depois competitivos. Com isso, em um mesmo dia, ou em uma mesma hora de um mesmo dia, somos um e mil em uma só identidade.

Como futura psicóloga, percebo a importância de trabalhar as contradições e experiências psicossociais como intermediadoras da construção do indivíduo. Essa postura pressupõe, ao meu ver, uma prática voltada para além da culpabilização e da análise do indivíduo.

## Referências

CIAMPA, Antônio da Costa. *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social*. 1ª edição, Ed. Brasiliense S/A, São Paulo, 2001.